

# “PARA MINHA FAMÍLIA SEMPRE SEREI LEMBRADO”: REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE DOS ESTUDANTES DE PRIMEIRA GERAÇÃO

“FOR MY FAMILY I WILL ALWAYS BE REMEMBERED”: REFLECTIONS ON  
THE REALITY OF FIRST GENERATION STUDENTS

Cristina Fioreze<sup>I</sup> 

Eduarda Stachelski<sup>II</sup> 

Silvana Ribeiro<sup>III</sup> 

<sup>I</sup> Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, Brasil. Doutora em Sociologia. Docente no PPG em Envelhecimento Humano. E-mail: fiorezecristina@gmail.com

<sup>II</sup> U Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, Brasil. Pós-Graduada na Residência Multiprofissional Integrada em Atenção ao Câncer. E-mail: eduardast4@gmail.com

<sup>III</sup> Universidade de Passo Fundo, UPF, Passo Fundo, RS, Brasil. Pós-Graduada no Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas. E-mail: silvanaribeiro@upf.br

**Resumo:** O artigo enfoca a realidade dos acadêmicos que representam a primeira geração de suas famílias a ingressar na universidade, problematizando como estudante, família e instituição de ensino superior lidam e se redimensionam diante dessa nova experiência. Aborda, assim, os sentimentos gerados e as interfaces entre trajetória acadêmica e contexto familiar, bem como o papel da universidade no acolhimento dos novos atores. Fundamenta-se em uma pesquisa qualitativa, com coletada de dados realizada por meio da aplicação de nove entrevistas semiestruturadas junto a três acadêmicos de primeira geração, três de seus familiares e três coordenadores de curso, pertencentes a uma universidade comunitária da região norte do Rio Grande do Sul. Como resultados, identifica-se uma reestruturação no sistema familiar, que passa a vivenciar novos ciclos de vida. O processo de individuação do estudante é potencializado e o contexto pode gerar conflitos familiares, mas também pode significar a ampliação da herança familiar em termos de capital cultural, tendo em vista a inserção no universo acadêmico. Além disso, o acesso ao ensino superior é motivo de orgulho para os familiares e o sucesso acadêmico é entendido como forma de retribuição aos investimentos feitos pelos pais junto aos filhos. Em relação ao acolhimento ofertado pela universidade em estudo, verificou-se que os estudantes de primeira geração usufruem de programas institucionais de acesso e permanência, porém, não foram identificadas estratégias voltadas especificamente a este público, as quais poderiam facilitar sua experiência acadêmica e contribuir para a conclusão da graduação, promovendo, em última instância, a redução da evasão.

**Palavras-chave:** Educação Superior. Família. Acadêmicos de primeira geração.

DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v18i35.447>

Submissão: 14-02-2021

Aceite: 21-06-2021

**Abstract:** The article focuses on the reality of academics who represent the first generation of their families to enter university, questioning how students, families and higher education



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

institutions deal with and resize themselves in the face of this new experience. Thus, it addresses the feelings generated and the interfaces between academic trajectory and family context, as well as the role of the university in welcoming new actors. It is based on a qualitative research, with data collection carried out through the application of nine semi-structured interviews with three first generation academics, three of their families and three course coordinators, belonging to a community university in the northern region of Rio Grande do Sul. As a result, it is identified a restructuring in the family system, that experiences new life cycles. The student's individuation process is enhanced and the context can generate family conflicts, but it can also mean the expansion of family heritage in terms of cultural capital, because of the insertion in the academic universe. In addition, access to higher education is a reason of pride for family members and academic success is understood as a way of rewarding the investments made by parents with their children. In relation to the reception offered by the university under study, it was found that first generation students enjoy institutional access and permanence programs, however, strategies aimed specifically for these students were not identified, which could facilitate their academic experience and contribute to the conclusion of graduation, promoting, ultimately, the reduction of dropout.

**Keywords:** Higher Education. Family. First generation academics.

## Introdução

A educação superior é um potencial fator para o desenvolvimento individual e coletivo, que produz tanto bens privados quanto bens públicos na sociedade (MARGINSON, 2016). No sentido individual, o ensino superior auxilia na formação do pensamento crítico e capacita para o mundo do trabalho. No sentido coletivo, as instituições de ensino têm seu compromisso firmado com a construção do bem comum, por meio da produção de conhecimentos voltados às necessidades da população e da oferta de pessoal qualificado para fazer avançar o desenvolvimento socioeconômico.

Na nova sociedade em rede (CASTELLS, 1999), na qual o conhecimento se torna matéria-prima para o desenvolvimento, o acesso ao nível superior de ensino passa a ser foco de investimento em diversos países. Nesse sentido, o cenário contemporâneo revela um conjunto de transformações, uma destas é a democratização do acesso à educação superior. Conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no Brasil, havia menos de novecentas instituições de ensino superior (IES) e cerca de um milhão e oitocentas matrículas em 1995. Em 2019, no último censo que se tem registro, este número subiu para mais de duas mil e quinhentas IES e superou-se a marca de oito milhões de matrículas (BRASIL/INEP, 2021). A democratização do acesso, no país, se efetiva por diversas formas, como a criação de novos formatos institucionais além das universidades – como centros universitários e faculdades isoladas –, além de novas formas de ensino, como educação a distância, bem como

programas de acesso e permanência de estudantes, como PROUNI, FIES, REUNI e UAB (GOMES; MACHADO-TAYLOR; SARAIVA, 2017).

Como resultado desse processo, o acesso ao ensino superior brasileiro, historicamente elitizado e para poucos, passou a atender uma maior parcela da população, possibilitando a diversificação no perfil dos acadêmicos ingressantes, compreendendo agora muitos estudantes que representam a primeira geração de suas famílias a ingressar nas universidades, tanto públicas quanto privadas. Conforme dados do questionário respondido pelos acadêmicos que realizaram o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) nas edições de 2016 a 2018, quando questionados se algum membro da família concluiu o ensino superior, aproximadamente 25% dos estudantes de Engenharia Civil do país responderam que não e a mesma resposta foi dada por cerca de 31% dos concluintes do curso de Fonoaudiologia. Mesmo no curso de Medicina, tradicionalmente mais elitizado, o percentual dos que responderam não possuir outro membro da família com ensino superior foi de aproximadamente 7%. No curso de Pedagogia, a resposta superou os 40% (BRASIL/INEP, 2021). Conforme Felicetti, Morosini e Cabrera (2019), dentre os participantes do Enade 2015, 32,4% eram considerados de primeira geração, já em 2017, o percentual foi de 34,1%, e em 2018 foi de 38,8%.

O ingresso no ensino superior propicia aos estudantes a oportunidade de crescimento, porém, também é um fenômeno envolto em novos desafios, tanto acadêmicos, quanto sociais (ARAÚJO; ALMEIDA, 2015). A adaptação ao novo meio é condicionada por diversos fatores, sendo um deles representado pelas relações familiares. Tanto a família como as instituições de ensino contribuem para o desenvolvimento humano. A primeira constitui-se como o primeiro sistema de socialização, onde são transmitidos intergeracionalmente hábitos, crenças, culturas, que passam a constituir o sujeito e permear a sua relação com o mundo (BOWEN, 1991). A família é espaço de construção cotidiana das negociações dos seus membros entre si e com as demais instituições sociais (MIOTO, 2011). Já as instituições de ensino são espaços socialmente legítimos de formação profissional e humana, além de instrumentos de garantia do direito à educação e de construção da cidadania (PINTO, 2009; UNESCO, 2016).

A influência de um sistema de desenvolvimento sobre o outro pode ser identificada em diversos âmbitos. A família, após o ingresso de um de seus membros na universidade, tende a passar por um processo de reorganização para prover bem-estar aos seus membros (FERREIRA; SILVA, 2009). Ainda, a relação do estudante com a sua família, além de outros aspectos, pode ter consequências em toda a sua trajetória universitária, desde a escolha da carreira a cursar, até as condições de vinculação e adaptação acadêmica (GABEL; SOARES, 2006; FERREIRA; SILVA, 2009; OLIVEIRA; SILVA, 2010).

As mudanças geradas a partir do ingresso dos acadêmicos de primeira geração no ensino superior provocam novos sentimentos entre os estudantes e seus familiares, de modo que as experiências que passam a ser vivenciadas na universidade podem afetar, negativa ou positivamente, as relações familiares, as quais, por sua vez, tendem a exercer influência sobre o desenvolvimento acadêmico. A universidade, no que lhe toca, também se transforma, na medida em que novos atores passam a fazer parte de seu cotidiano. Diante disso, o presente artigo gira

em torno da seguinte problemática: como estudante, família e instituição de ensino superior lidam e se redimensionam com o ingresso dos acadêmicos de primeira geração na universidade?

Isto posto, o texto estrutura-se em quatro partes, além dessa introdução. A primeira propõe-se a uma contextualização teórica acerca da família e suas relações com o desenvolvimento acadêmico, a partir de referencial bibliográfico que estabelece o diálogo entre, de um lado, uma perspectiva teórica dos sistemas familiares e, de outro, uma perspectiva da sociologia da educação. Em um segundo momento é apresentado o desenho metodológico da pesquisa, para, em seguida, serem demonstrados e analisados os dados coletados, à luz do referencial antes discutido. Por fim, são apresentadas as considerações finais do artigo.

### **Família, acadêmicos de primeira geração e ingresso no ensino superior: uma revisão teórica**

A concepção de família está em constante transformação. Sua definição já foi estabelecida pelo casamento entre um homem e uma mulher e pela consanguinidade. Com a legalização do divórcio, a saída da mulher para o mercado trabalho, os recasamentos, entre outros fatores, conceituar o termo tornou-se mais difícil, uma vez que não existe apenas uma única configuração familiar e sim uma variedade delas, como as monoparentais, aquelas com apenas um pai ou uma mãe, netos com avós, pessoas do mesmo sexo, sobrinhos com tios, entre outros. Estas novas famílias têm como base, principalmente, o afeto (GARBAR; THEODORE, 2000; LOSACCO, 2008; OLIVEIRA, 2009).

Carter e Mcgoldrick (1995) definem família como um sistema que se move através do tempo e que compreende as emoções de até quatro gerações, não sendo imune à história de seus antepassados. Sublinham que há uma conexão entre o desenvolvimento individual e o familiar, sendo que a família precisa realizar adaptações ao longo do tempo, conforme as mudanças devidas aos distintos ciclos da vida familiar. Boszormenyi-Nagy e Spark (1983), por sua vez, evidenciam a importância da dimensão intergeracional dos fenômenos e relações familiares, chamando a atenção para a compreensão das lealdades que são tecidas de forma invisível entre as gerações.

Também, a família é uma construção histórica e cultural e, além de um lugar de afeto, pode ser entendida como uma unidade de redistribuição interna de recursos (MIOTO, 2010), caracterizando-se como uma instituição que propicia a sobrevivência e o desenvolvimento dos indivíduos. Sarti (2008), por sua vez, contribui para o entendimento da família “como algo que se define por uma história que se conta aos indivíduos, ao longo do tempo, desde que nascem, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios, e que será por eles reproduzida e ressignificada, à sua maneira, dados os seus distintos lugares e momentos na família” (2008, p. 26). Desde essa perspectiva, cada família pode construir os sentidos e definições inerentes a sua estrutura, configuração e papéis exercidos por cada membro, através da subjetividade de seu grupo familiar e sua posição no mesmo.

Um fenômeno crescentemente vivenciado pelas famílias brasileiras, no atual contexto social, tem sido o ingresso do primeiro de seus membros na educação superior, o que possui relação com o processo de ampliação do acesso ao nível terciário de ensino, em voga no país desde

o início dos anos 2000 (MCCOWAN; BERTOLIN, 2020). Tais estudantes são conhecidos como “os de primeira geração”, pois caracterizam-se por serem os primeiros, dentre seus familiares, a ingressar na universidade (SILVA, 2019). São estudantes cujas famílias não possuem, via de regra, o conhecimento prévio sobre os códigos do mundo acadêmico e, conseqüentemente, não transmitiram a seus filhos esta herança cultural. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu trabalha com o conceito de capital cultural, entendido como uma bagagem socialmente herdada, que inclui aspectos sociais e culturais, como os gostos, o domínio da língua culta e a iniciação ao universo escolar (BOURDIEU; PASSERON, 1982; BOURDIEU, 2007; BOURDIEU, 2015). Conforme Nogueira e Nogueira (2002), o capital cultural é o fator de maior impacto nos destinos acadêmicos dos indivíduos.

É possível afirmar, diante do exposto, que a questão do capital cultural influencia a trajetória acadêmica do estudante de primeira geração. Da mesma forma, o ingresso desse estudante na universidade pode gerar transformações nas dinâmicas familiares, dado que essas não são estanques, mas, sim, adaptam-se perante as mudanças e movimentos dos ciclos vitais pelos quais as famílias passam ao longo do tempo (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Silva (2019), após realizar uma análise sobre o termo “acadêmicos de primeira geração”, conclui que este conceito pode ser relevante para índices de democratização do ensino, porém não se pode limitar a apenas isso, devendo-se, também, considerar e compreender a história de vida destes sujeitos. Essas histórias de vida são compostas por diversos aspectos, como as dimensões econômica e social, as relações entre os pares, as referências comunitárias, entre outros. Um aspecto de destaque, nesse sentido, diz respeito às dinâmicas familiares que permeiam suas vidas e que podem influenciar nas novas experiências universitárias.

Os estudos nacionais desenvolvidos sobre a relação entre a família e o desenvolvimento acadêmico tendem a focar os anos iniciais do processo educativo. Porém existem alguns indícios, principalmente em pesquisas relacionadas à adaptação do acadêmico na universidade, que corroboram com a afirmação de que a família, junto com outros fatores, exerce importante influência na formação de um de seus membros (OLIVEIRA; SANTOS; DIAS, 2016; TEIXEIRA; DIAS; WOTTRICH; OLIVEIRA, 2008).

A escolha da carreira é um exemplo dessa influência, sendo a família um dos facilitadores ou dificultadores do processo de escolha do curso de graduação, o que é de fundamental consideração quando se trata da construção dos projetos de vida dos adolescentes (SANTOS, 2005). A família pode influenciar na escolha da profissão de um de seus membros de forma direta, com a expressão de opiniões, ou indiretamente, através da socialização em meio a um contexto sociocultural e econômico e na transmissão de valores referentes à estima de cada profissão. Nesse sentido, Oliveira e Silva (2010) mostram que, devido ao prestígio e concorrência, aqueles acadêmicos com pais com menor escolarização, baixo poder aquisitivo, entre outros fatores, tendem a escolher os cursos menos elitizados. Além de suas notas em concursos de ingresso na universidade serem inferiores.

Após o ingresso na universidade, a influência familiar continua. A adaptação do acadêmico ao meio universitário depende de diversos fatores, de modo que a sensação de pertencimento ao

curso e à universidade, os vínculos estabelecidos, as experiências fora de sala de aula e as condições para lidar com frustrações e decepções são alguns deles (TEIXEIRA; DIAS; WOTTRICH; OLIVEIRA, 2008). A rede de apoio, constituída por familiares, amigos e professores, é um fator fundamental para a adaptação do acadêmico ao ensino superior nesse contexto, no sentido de amparar as angústias, proporcionar escuta das mesmas, entre outros aspectos.

Em termos de permanência do estudante, Schuh (2017) chama a atenção, em sua pesquisa, para a importância do apoio da família, tanto econômico como psicológico, o qual é fundamental para a permanência e conclusão do curso dos acadêmicos de primeira geração. Nesse sentido, o acesso da família à informação é significativo, para que a mesma compreenda a realidade acadêmica e auxilie na superação de obstáculos. Para Schuh (2017), os estudantes de primeira geração colocam na universidade as suas expectativas de transformação para um futuro melhor, sendo a universidade simbolizada como um espaço de vitória. Porém, para que haja esta transformação é necessário que um conjunto de condicionantes sejam atendidos, como a compreensão por parte da universidade sobre a realidade desses estudantes, bem como a oferta de informação sobre serviços e oportunidades, para que o acadêmico possa vivenciar este período de maneira plena.

Outra questão recorrente nas pesquisas relacionadas à adaptação na universidade, que não se relaciona necessariamente ao ingresso do acadêmico na educação superior, embora frequentemente aconteça neste momento da vida, é a saída do jovem da casa dos pais. Este processo pode auxiliar no desenvolvimento da autonomia e da maturidade dos estudantes, assim como pode ser um momento de dificuldade, devido à soma das tarefas domésticas aos afazeres acadêmicos, além da saudade de casa (TEIXEIRA; DIAS; WOTTRICH; OLIVEIRA, 2008; OLIVEIRA; SANTOS; DIAS, 2016).

Ainda, no período de término da graduação, em que começam as decisões sobre o futuro profissional, a rede de apoio – constituída por familiares, amigos, professores, entre outros – também pode auxiliar no processo de decisão e de identificação do caminho a ser seguido. Teixeira e Gomes (2005), em uma pesquisa com 252 universitários concluintes, apontam que, entre outros diversos fatores, a rede de apoio auxilia na decisão sobre o futuro profissional.

Em termos de desenvolvimento familiar, é plausível afirmar que o ingresso do jovem de primeira geração no ensino superior pode ser compreendido como um momento de desenvolvimento da família, que pode gerar uma crise no sistema familiar como um todo. Entende-se que é tarefa da família, neste momento, apoiar a adaptação do jovem à nova realidade, assim como facilitar o seu processo de separação e individuação (FERREIRA; SILVA, 2009). As relações familiares, neste momento de individuação, conforme Fleming (2005), necessitam ser de qualidade para proporcionar ao jovem segurança para explorar o meio e para construir sua autonomia e identidade. Essas são habilidades fundamentais para o sucesso acadêmico, pois é através da exploração e da autonomia que o estudante consegue vivenciar experiências no meio universitário assim como se relacionar com diferentes pares.

### **Desenho metodológico da pesquisa**

O artigo sustenta-se em uma pesquisa exploratória e de campo, de caráter qualitativo, desenvolvida ao longo do ano de 2020. A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de



entrevistas semiestruturadas em uma universidade comunitária localizada na região norte do estado do Rio Grande do Sul. Optou-se pela entrevista semi-estruturada por ela permitir maior profundidade, em razão de seu caráter relativamente aberto, possibilitando ao entrevistado expressar suas concepções (GIL, 1999).

O ponto de partida para a delimitação da amostragem foi a definição, por meio dos critérios de acessibilidade e conveniência, de três acadêmicos que representam a primeira geração de suas famílias a ingressar na educação superior, matriculados em cursos de graduação da universidade pesquisada nas áreas de ciências humanas, ciências exatas e ciências da saúde. Ainda, com inspiração na técnica da triangulação de dados, também foram entrevistados os familiares dos estudantes selecionados, bem como os coordenadores dos cursos de graduação por eles cursados. Desse modo, para cada estudante indicado foram aplicadas três entrevistas (uma com o próprio estudante, uma com seu familiar e uma com o coordenador de seu curso), totalizando nove entrevistas. Segundo Figaro (2014) “a triangulação de dados trata das diferentes dimensões de tempo, de espaço e de nível analítico a partir dos quais o pesquisador busca as informações para sua pesquisa”. Embora a pesquisa aqui relatada utilize apenas uma técnica de coleta de dados – a entrevista semi-estruturada – busca-se três olhares distintos para o mesmo fenômeno, o que justifica sua inspiração na triangulação de dados acima mencionada.

As entrevistas foram aplicadas por meio de videoconferência no primeiro semestre de 2020 e a pesquisa foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo (UPF) sob o registro CAAE: 28823520.4.0000.5342 e parecer: 3.911.199.

O abaixo (Quadro 1) apresenta uma sistematização das questões que nortearam a realização das entrevistas:

Quadro 1: Questões que nortearam a realização das entrevistas

Entrevista aos acadêmicos de primeira geração	Entrevista aos familiares dos acadêmicos	Entrevista aos coordenadores de curso de graduação
<p>O que motivou o seu ingresso na universidade?</p> <p>Que sentidos a conclusão de sua graduação tem para você? E para a sua família?</p> <p>Como você descreveria as suas relações familiares após a sua experiência na universidade? Ocorreram mudanças? Quais?</p> <p>Como você se sente diante de sua família após as experiências na universidade?</p> <p>Você acha que ser a primeira geração de sua família a ingressar na universidade impacta a sua trajetória acadêmica? Como?</p> <p>Na sua opinião, que impactos essa condição (de ser a primeira geração da família a ingressar na universidade) tem nas suas relações familiares?</p> <p>Na sua opinião, há ações da Universidade que fortalecem a sua permanência na Instituição? Se sim, quais são?</p>	<p>O que significa, para a sua família, o fato de o (nome do estudante) estar na universidade?</p> <p>O que mudou nas relações familiares após a entrada do (nome do estudante) na universidade?</p> <p>Você teve algum contato com a universidade após o ingresso do (nome do estudante) na universidade?</p>	<p>Você consegue identificar, no seu curso, os estudantes que representam a primeira geração de suas famílias a ingressar numa universidade? Em que situações essa identificação acontece?</p> <p>Qual é o perfil desses estudantes?</p> <p>Na sua opinião, qual o papel da universidade para a permanência dos acadêmicos de primeira geração, bem como para a conclusão da graduação por parte dos mesmos?</p> <p>Atualmente, há ações promovidas pela universidade voltadas para o acolhimento e a permanência dos alunos de primeira geração? Se sim, quais são?</p> <p>A universidade promove ações voltadas para a aproximação das famílias dos estudantes?</p>

Fonte: AUTORES (2020).

Para a análise dos dados, o método empregado tem como referência a análise de práticas discursivas, conforme proposição de Spink e Medrado (2000). Segundo os autores, práticas discursivas são “linguagem em ação”, ou seja, “as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (2000, p. 45). Nesse sentido, os discursos acontecem em determinados contextos que, de certa maneira, moldam os enunciados. No discurso, as pessoas, entendidas como sujeitos em interação, se posicionam em relação ao contexto e ao interlocutor, em um constante movimento de argumentação.

Esta concepção guiou o processo de interpretação das entrevistas realizadas. A partir disso e à luz da revisão conceitual que ilumina a pesquisa, os dados coletados foram agrupados por proximidade de sentidos em quatro eixos: orgulho da família x responsabilidade do estudante; a emergência de um novo ciclo familiar e o processo de individuação do estudante de primeira geração; o capital cultural não herdado; os de primeira geração: ilustres desconhecidos da universidade. São esses quatro eixos que norteiam a apresentação e análise dos dados na sessão a seguir.

Para fins de identificação dos três grupos de sujeitos participantes, as falas dos acadêmicos entrevistados são sinalizadas com a letra “A” seguido dos números, 1, 2 e 3. As falas dos familiares seguem a mesma perspectiva, porém com a letra “F” anterior ao número. As falas dos coordenadores de curso, da mesma forma, são representadas pela letra “C” antes do número.

## Resultados e discussões

Os resultados e discussões serão apresentados na sequência, a partir dos quatro eixos de análise delimitados, quais sejam: (a) orgulho da família x responsabilidade do estudante; (b) a emergência de um novo ciclo familiar e o processo de individuação do estudante de primeira geração; (c) o capital cultural não herdado; (d) os de primeira geração: ilustres desconhecidos da universidade.

### *a) Orgulho da família x responsabilidade do estudante*

As falas dos acadêmicos e seus familiares revelam, predominantemente, a emergência de sentimentos de orgulho e de confiança relativos ao ingresso da primeira geração da universidade. Diante da admissão ao ensino superior o acadêmico passa a ser reconhecido por este feito, como ressalta A3, “para minha família serei lembrado como o primeiro a entrar na faculdade”.

O ingresso na universidade é um acontecimento que produz orgulho para todos os familiares entrevistados, demonstrando a existência do apoio da família para permanência e sucesso na faculdade, o que consiste em ponto crucial para a socialização do acadêmico no novo universo, possibilitando que o mesmo vivencie as experiências com maior envolvimento, como já indicado por Schuh (2017), Oliveira, Santos e Dias (2016) e Teixeira *et al.* (2008). As falas a seguir são emblemáticas desse sentimento por parte dos familiares e também demonstram suas expectativas pelo desempenho exitoso do estudante: “[sinto] muito orgulho, nossa, não tem



explicação” (F3); “ele sempre foi um guri muito estudioso, esforçado, dedicado, então, agora continua também” (F2); “é uma pessoa que luta muito pelo que ela quer, né, então assim, [...] é um orgulho imenso né, e ver o esforço que ela faz, a dedicação dela é muito bom, é muito gratificante” (F1).

Nota-se também, no contraponto, o sentimento de responsabilidade que os acadêmicos de primeira geração sentem, associado ao reconhecimento dos esforços da família para possibilitar o seu ingresso na universidade, o que os impele a retribuir o apoio recebido, assim como por reconhecerem a importância da conclusão de sua graduação, dado que enxergam na educação superior uma possibilidade de ascender socialmente. Segundo a fala de A1, “eu acredito que seja de responsabilidade carregar isso comigo, de eu tá podendo cursar e ser a primeira da minha família a estar cursando uma universidade e isso me dá bastante responsabilidade”. Já para A2, “tu tem que dar o teu melhor, tu não pode repetir, tu não pode desistir, eu me sinto cobrada, eu me cobro muito em relação a isso, ainda mais sendo numa universidade privada”. É possível analisar que a relação entre, de um lado, ser motivo de orgulho e, de outro, sentir-se responsável por corresponder a todo o investimento feito pela família – não só financeiro, mas também afetivo – remete à ideia de “livro-caixa” da família (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 1983), associado metaforicamente a uma prestação de contas invisível, que contabiliza créditos e débitos, isto é, o que cada um dá e recebe na família, forjando-se, com isso, um espiral intergeracional em que o membro que recebe possui obrigação de retribuir.

#### *b) A emergência de um novo ciclo familiar e o processo de individuação do estudante de primeira geração*

O estudante de primeira geração desempenha o papel de desbravador, de pioneiro num universo até então desconhecido para a família. Seu ingresso na universidade é simbólico e movimenta a família, propiciando a emergência de novos ciclos (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Nesse processo, é propiciada também a individuação desse estudante em relação à família de origem, como propõe Bowen (1991), o que é saudável e esperado no processo de adultização.

Observa-se que o acadêmico de primeira geração, ao entrar na universidade, passa a adquirir novos conhecimentos, que podem modificar sua compreensão sobre o mundo e sua cultura, o que gera mudanças nas relações familiares, podendo ser mais ou menos conflituoso. Nesse sentido, é pertinente a seguinte reflexão de um estudante entrevistado: “essa pessoa [o acadêmico de primeira geração] traz coisas que não éramos acostumados a lidar [na família], então isso vai gerar conflito em algumas coisas, em outras vai auxiliar, então, acho que caminha entre conflito e entre aprimorar” (A2).

Quando questionados sobre os efeitos que a condição de primeira geração da família a ingressar na universidade gera nas relações familiares, os acadêmicos tiveram diferentes posicionamentos em suas respostas. Porém, é de comum acordo entre os entrevistados que o novo contexto modifica a maneira como a família os enxerga, uma vez que há uma compreensão de que o acadêmico está passando por um processo de desenvolvimento da maturidade e autonomia, especialmente aqueles que, devido à distância entre a residência da família e a

universidade, precisaram sair de suas casas. Sobre isso, é emblemática a compreensão de um estudante entrevistado, segundo ele, os familiares “tiveram que me ver como uma pessoa mais madura, entende?” (A1). Ainda cabe destacar as palavras de um familiar entrevistado, que, ao narrar as posturas mais independentes do filho que passou a frequentar a universidade, verbaliza que “quando se junta toda a família, ainda dá um conflitinho [...]” (F1).

Neste momento de amadurecimento do estudante, que passa a vivenciar mais intensamente um processo de individuação, podem ocorrer conflitos no relacionamento, até porque o próprio sistema familiar está se adaptando a um novo momento. Embora conflitivas sejam naturais, Mota e Rocha (2012) sublinham a importância de se cuidar das relações, uma vez que é a qualidade afetiva da relação com as figuras parentais que garante um processo de individuação saudável.

### *c) O capital cultural não herdado*

A família e seus indivíduos vivenciam diferentes ciclos da vida familiar e, conforme transitam de um ciclo ao outro, segundo Carter e Mcgoldrick (1995), estão suscetíveis a vivenciar períodos de estresse, principalmente quando combinado com padrões de funcionamento familiares que incluem tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas que fazem parte da história da família.

Nesse sentido, considerando que a universidade é um espaço de aquisição de capital cultural (BOURDIEU, 2015), esse pode se tornar um elemento estressor que potencializa conflitos familiares, uma vez que os acadêmicos de primeira geração passam a expressar opiniões e sentimentos que evidenciam diferenças em relação ao repertório cultural historicamente pertencente à família. Assim, no caso dos acadêmicos que são os primeiros de suas famílias a ingressarem no meio universitário, inexistente uma herança familiar provedora do capital cultural próprio do universo acadêmico, o que pode ser um fator para desentendimentos no meio familiar. O depoimento a seguir evidencia esse ponto:

quando tu entra na universidade, [...] tu te distancia desse senso comum, tu começa a ver outras coisas, tu começa a se identificar com outras pautas, né... e quando tu volta pra casa, teus pais não saíram daquela realidade, teus pais continuam fazendo as mesmas coisas, isso vai gerar conflitos, principalmente em relação ao machismo, que é forte, que é bem presente (A2).

Neste caso, o ingresso no ensino superior confronta o machismo culturalmente reafirmado dentro de família, gerando um estressor, sendo possível a emergência de conflitos.

Ao mesmo tempo, a fragilidade do estudante em termos de capital cultural pode acarretar, também, impactos na sua trajetória acadêmica, uma vez que faltam de referências na família, o que gera estranhamentos e dificuldades, como relata um dos acadêmicos entrevistados: “tu não tem outras referências pra olhar pra trás pra ver como que foi, pra sentir como a família reagiu aos erros, aos acertos, e também essa questão de que tu tem que dar o teu melhor” (A2).

Por outro lado, o ingresso do estudante de primeira geração na universidade e a mudança que passa a vivenciar no que tange ao acúmulo de capital cultural, pode mobilizar a família para

a ampliação do leque de conhecimentos de seus integrantes, estimulando outros membros a também se aproximarem do mundo acadêmico, como relata um dos estudantes entrevistados: “eu acho até que acabei inspirando a minha mãe, que vai também fazer faculdade agora” (A3). A fala que segue, por sua vez, revela o movimento de aproximação a novos conhecimentos que passa a ocorrer na família:

[...] porque daí tu vê que uma pessoa que sai daquele mundo que a gente vive, conhece outras pessoas, outros modos de viver, e traz aquilo pra dentro da família né, então quer dizer que a gente, no fim, a gente aprende muito com ela, sabe, tu consegue ter outra visão das coisas, do modo de viver, das pessoas, eu acho que ela só tem a contribuir com todos nós, sabe... (F1)

Nesse sentido, mesmo que o ingresso formal na universidade seja, inicialmente, de apenas um de seus membros, pode-se afirmar que os demais integrantes passam por um processo de adaptação, dado que são abertas a todos novas possibilidades de relacionamento com o conhecimento acadêmico. Quando esse processo acontece, há grandes chances de que ocorra um avanço na herança cultural a ser legada para as próximas gerações da família.

#### *d) Os de primeira geração: ilustres desconhecidos da universidade*

Diante dos desafios que se colocam aos cada vez mais numerosos estudantes que representam a primeira geração de suas famílias na educação superior, é importante considerar o papel da universidade no acolhimento e no auxílio para a superação desses desafios. Nesse sentido, pode-se afirmar que as principais dificuldades apresentadas pelos acadêmicos entrevistados, os quais tomam por referência sua própria experiência na universidade foco dessa pesquisa, foram a falta de referências familiares – o que está associado à questão do capital cultural –, as fragilidades financeiras e a distância de casa.

Observa-se, diante das entrevistas realizadas, que na universidade à qual pertencem os estudantes de primeira geração desta pesquisa não há ação institucionalizada que os identifique dentro da instituição e, em decorrência, não são desenvolvidas políticas ou programas de acolhimento e auxílio direcionados especificamente a esse público. Há, sim, segundo coordenadores de curso entrevistados, alguns movimentos que emergem dos próprios professores e/ou coordenadores de curso, os quais buscam conhecer a história de vida de seus estudantes e, ao fazer isso, acabam por identificar o perfil de primeira geração. Assim, trata-se mais de um esforço do professor em si do que de uma política institucional, o que coaduna com a afirmação de Zabalza (2004, p. 113), de que para o professor “não é suficiente dominar os conteúdos nem ser reconhecido pesquisador na área. A profissionalização docente refere-se aos alunos e ao modo como podemos agir para que aprendam, de fato, o que pretendemos ensinar-lhes”.

As políticas institucionais de assistência e apoio aos estudantes, na universidade pesquisada, são direcionadas a todos os acadêmicos ou utilizam critérios de ordem socioeconômica ou pedagógica, devido ao entendimento de que cada um deles possui suas particularidades e necessidades. Nessa direção, evidencia-se o reconhecimento de que, tanto a realização de políticas de acolhimento e de financiamento, quanto as pequenas atitudes, precisam ser consideradas pela universidade, como exemplifica um dos coordenadores de curso entrevistados:

Às vezes o aluno trabalha o dia inteiro e precisa ir para a universidade e não tem nem como fazer lanche no meio do caminho, então assim, até o fato da gente disponibilizar um espaço para os alunos levarem uma merenda, levarem uma marmita, e comer lá na universidade, é um diferencial pra eles [...]. Outra coisa que os alunos demandam bastante é a questão de impressão de materiais, na questão de busca de livros, [...] como que eu vou lá biblioteca se eu chego em cima do horário da aula e vou conseguir fazer esse trânsito, sabe?

Conforme as entrevistas coletadas na pesquisa, percebe-se que, embora não existam políticas específicas para os estudantes de primeira geração, esses fazem uso dos serviços de assistência estudantil gerais que são ofertados aos estudantes. Nas palavras de um entrevistado, que fez uso de programas de financiamento estudantil, “isso foi o que me ajudou e deu um empurrãozinho para entrar na universidade” (A1). Para outro entrevistado,

vi que tinha alguns programas como o auxílio permanência e a moradia compartilhada, conversei com o setor da assistência estudantil e consegui a residência compartilhada, que possibilita eu ter onde morar e não ter que me preocupar com aluguel, que isso já é um caminho andado né, aí também tem os projeto extensão que eu consegui, [...] que possibilita também uma ajuda, uma bolsa, uma ajuda financeira pra custear outras coisas né, que foi bem interessante, que vai me fazer continuar na universidade [...]. (A2)

Nas falas dos familiares, contudo, transparece o potencial que pode residir em políticas universitárias a serem criadas especificamente para a realidade dos estudantes de primeira geração e suas famílias. Fica evidente o desejo de um maior acolhimento institucional e aproximação com o novo universo que passa a ser vivenciado pelos filhos. Como sugeriu um entrevistado, quando questionado se a universidade poderia se envolver mais com os familiares, isto seria positivo “para saber como os filhos estão, como que funciona, para os pais realmente saberem, [...] de chegar, assim, alguém ali da faculdade e explicar totalmente como funciona, [...] essas coisas” (F3). Para aqueles que desconhecem a gramática do universo acadêmico, como tende a ser o caso dos familiares dos acadêmicos de primeira geração, a universidade pode parecer distante e ameaçadora. Segundo os dados da pesquisa, pode-se levantar a compreensão de que políticas voltadas para o encurtamento da distância entre família e universidade seriam bem-vindas.

### **Considerações finais**

Diante do processo de democratização do acesso à educação superior brasileira, é cada vez mais frequente o ingresso de estudantes que representam a primeira geração de suas famílias nas universidades, sejam elas públicas ou privadas. Esta realidade, conforme discutido no texto, possui efeitos nos distintos sistemas envolvidos. O artigo buscou identificar como estudante, família e instituição de ensino superior lidam e se redimensionam com o ingresso dos acadêmicos de primeira geração na universidade. Nesse sentido, compreendeu-se o fenômeno na perspectiva do sistema familiar, identificando os sentimentos gerados entre os seus membros, bem como as conexões entre as relações familiares e o desenvolvimento – acadêmico, mas também pessoal – dos estudantes de primeira geração face aos novos desafios que passam a enfrentar. Associado a isso, discutiu-se o papel das universidades e quais os seus movimentos para receber esse novo perfil de estudantes.

Os dados de pesquisa apresentados, embora de abrangência restrita à realidade de uma universidade específica, proporcionam pistas interessantes para se compreender os desafios enfrentados pelos estudantes e suas famílias e como as universidades podem se movimentar no sentido de fornecer suporte aos mesmos, de modo a contribuir, dessa forma, para o sucesso acadêmico dos novos alunos. Trata-se de uma discussão que, entre outros aspectos, fornece elementos que contribuem para que sejam pensadas políticas de redução dos índices de evasão nas instituições e na educação superior como um todo.

Foi possível identificar que, com o ingresso do estudante de primeira geração na universidade, novas expectativas e sentimentos são gerados. Nesse sentido, a família enche-se de orgulho e o estudante, em contrapartida, sente-se responsável por corresponder aos investimentos familiares – não só financeiros, mas especialmente afetivos – de que é alvo. O momento inédito contribui para que o sistema familiar passe a vivenciar novos ciclos. Ao mesmo tempo em que o ingresso do estudante de primeira geração na universidade coloca a família frente a novas demandas, também pode significar a abertura do sistema como um todo para novas perspectivas em termos de relacionamento com o conhecimento acadêmico, de avanço do capital cultural acumulado e transmitido às futuras gerações e, nessa direção, de ascensão social.

Todavia, obstáculos importantes precisam ser superados pelo estudante quando do seu ingresso na universidade, com especial destaque para a inexistência de referências familiares no que diz respeito à vida acadêmica, além da defasagem de capital cultural que tende a se fazer presente. Da mesma forma, o ingresso do acadêmico na universidade tende a potencializar seu processo de individuação em relação à família de origem, sendo que conflitos e estranhamentos podem emergir diante do movimento de maturação e adultização desse membro que foi para a universidade. Isso tudo, se não adequadamente equacionado, pode ter consequências negativas, resultando em fracasso escolar e evasão.

Por esses motivos, nota-se a pertinência da oferta de suporte, por parte das universidades, aos estudantes e suas famílias, no sentido de garantir apoio não só naqueles tópicos da assistência estudantil comuns a todos os acadêmicos – como auxílios materiais e programas de nivelamento. Mas também no que diz respeito a políticas direcionadas especificamente ao novo público, de modo a, de um lado, aproximar o estudante e seus familiares da dinâmica do mundo acadêmico e, de outro, favorecer que a família desempenhe adequadamente a sua função de amparo ao estudante, facilitando a travessia nos momentos desafiadores que virão. Para isso, é essencial que as universidades invistam, também, na formação de seus professores, estimulando o desenvolvimento de sua sensibilidade e de sua capacidade de acolhimento aos estudantes de primeira geração na caminhada acadêmica que irão trilhar.

## Referências

ARAÚJO, Alexandra M.; ALMEIDA, Leandro S. Adaptação ao Ensino Superior: O papel moderador das expectativas acadêmicas. *Educare*, v. 1, n. 1, p. 13-32, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.19141/2447-5432/lumen.v1.n1.p.13-32>

- BOSZORMENYI-NAGY, Ivan; SPARK, Geraldine M. **Lealtades Invisibles**. Buenos Aires: Amorrortu, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BOWEN, Murray. **De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar**. Barcelona: Paidós, 1991.
- BRASIL/INEP. **Censo da educação superior 2019 divulgação dos resultados**. Brasília, out. 2020. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2020/Apresentacao\\_Censo\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf). Acesso em: 09 jan. 2021.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- FERREIRA, Joaquim Armando Gomes; SILVA, Sofia de Lurdes Rosas. Família e ensino superior: que relação entre dois contextos de desenvolvimento?. **Exedra**, p. 101-126, 2009. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/259426>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- FELICETTI, Vera Lucia; MOROSINI, Marília Costa; CABRERA, Alberto F. Estudante de primeira geração (P-Gen) na educação superior brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 173, p. 28-43, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053146481>.
- FIGARO, Roseli. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 16, n. 2, p. 124-131, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2014.162.06>
- FLEMING, Manuela. **Entre o medo e o desejo de crescer: Psicologia da adolescência**. Porto, Portugal: Afrontamento, 2005.
- GABEL, Christine Liz Moeller; SOARES, Dulce Helena Penna. Contribuições da terapia familiar sistêmica para a escolha profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 7, n. 1, p. 57-64, 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902006000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902006000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 dez. 2020.
- GARBAR, Claire; THEODORE, Francis. **A família mosaico: as novas constituições familiares**. São Paulo: Augustus, 2000.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.



GOMES, Válter; MACHADO-TAYLOR, Maria de Lourdes; SARAIVA, Ernani Viana. O ensino superior no Brasil: breve histórico e caracterização. **Ciência & Trópico**, v. 42, n. 1, p. 127-152, 2017. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CIC/article/view/1647>. Acesso em: 15 fev. 2020.

LOSACCO, Silvia. O jovem e o contexto familiar. *In*: ACOSTA, Ana Rojas; VITAL, Maria Amalia Faller (org.). **Família: Redes, Laços e Políticas Públicas**. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais/PUC-SP, 2008.

MARGINSON, Simon. Public/private in higher education: A synthesis of economic and political approaches. **Studies in Higher Education**, v. 43, n. 2, p. 322-337, 2016. DOI: 10.1080/03075079.2016.1168797

MIOTO, Regina Célia Tamasso. Família, Gênero e Assistência Social. *In*: **O Trabalho do/a Assistente Social no SUAS: Seminário Nacional/Conselho Federal de Serviço Social – Gestão Atitude Crítica para Avançar na Luta**, 2009, Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ – Brasília: CFESS, 2011. p. 108–117.

MIOTO, Regina Célia Tamasso. Família, trabalho com famílias e Serviço Social. **Serviço Social em Revista**, v. 12, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/7584/6835> Acesso em: 11 fev. 2020.

MOTA, Catarina Pinheiro; ROCHA, Magda. Adolescência e Jovem Adultícia: Crescimento Pessoal, Separação-Individuação e o Jogo das Relações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 3, p. 357-366, 2012. DOI: 10.1590/S0102-37722012000300011.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 78, p. 15-35, 2002. DOI: 10.1590/S0101-73302002000200003.

OLIVEIRA, Melina Del’Arco; SILVA, Lucy Leal Melo. Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira. **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 23-34, 2010. DOI: 10.1590/S1413-85572010000100003.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; SANTOS, Anelise Schaurich dos; DIAS, Ana Cristina Garcia. Expectativas de universitários sobre a universidade: sugestões para facilitar a adaptação acadêmica. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 17, n. 1, p. 43-53, 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902016000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902016000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 jan. 2021.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. **Família contemporânea**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PINTO, Maira Meira. **Responsabilidade social em universidade comunitária: novos rumos para a educação superior**. 2009. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, p. 57-66, 2005.

SILVA, Mariane Montibeller. **Trajetórias Universitárias**: acesso, permanência e expectativas. 2019. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

MCCOWAN, Tristan; BERTOLIN, Julio. **Inequalities in Higher Education Access and Completion in Brazil**. UNRISD Working Paper on Universities and Social Inequalities in the Global South. Geneva: United Nations Research Institute for Social Development, 2020.

SARTI, Cynthia A. Famílias enredadas. *In*: ACOSTA, Ana Rojas; VITAL, Maria Amalia Faller (org.). **Família**: redes, laços e políticas públicas.. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais/PUC-SP, 2008.

SCHUH, Malu Santarem. **A trajetória da primeira geração da família na universidade: contribuições acerca da formação acadêmica na PUCRS**. 2017. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. *In*: SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia; WOTTRICH, Shana Hastenpflug; OLIVEIRA, Adriano Machado. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (Abrapee)**, v. 12, n. 1, p. 185-202, 2008. DOI: 10.1590/S1413-85572008000100013.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; GOMES, William. Decisão de Carreira entre Estudantes em Fim de Curso Universitário. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 327-334, 2005. DOI: 10.1590/S0102-37722005000300009.

UNESCO. **Repensar a educação**: rumo a um bem comum mundial? Brasília: UNESCO Brasil, 2016.

ZABALZA, Miguel A. Os professores universitários. *In*: ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.